

“Contenção”

A Filosofia Política de George F. Kennan

por *Stefan Rossbach* *

Introdução

A literatura crescente que interpreta a Guerra Fria é publicada habitualmente sob o título de relações internacionais e política internacional e focada, por consequência, em questões de ordem económica, política, diplomática, e por vezes, ideológica. A própria natureza destas disciplinas assegura que o sentido epocal evocado pelo fim da Guerra Fria não se traduziu ainda numa ultrapassagem do passado mas em antecipações relevantes para a política de futuros possíveis. Assim, permanece por cumprir a tarefa original de interpretar a guerra fria, de atribuir significado à experiência da Guerra fria.

Este nosso trabalho complementa a literatura existente na medida em que argumenta que existe uma dimensão espiritual no conflito. O ponto de partida das nossas considerações é a intuição de que a aceitação espalhada de que a ameaça de aniquilação nuclear no contexto de uma defesa de ideias e de modos de vida manifesta uma certeza ao nível das ideias de como se viver que não pode ser tomada por óbvia mas exige uma explicação. A vontade de defender a própria conduta de vida a expensas da destruição do único ambiente natural em que a civilização pode florescer pressupõe uma auto-interpretação particular do homem porque manifesta a incapacidade de aperceber, a incapacidade de aceitar limites à imposição de planos humanos para o mundo. O nosso trabalho tenta revelar esta dimensão da Guerra Fria.¹

Para esta finalidade, podemos extrair lições da experiência de vida e obras de George F. Kennan, diplomata, historiador e escritor americano. Como é bem sabido, Kennan ajudou a formular a política americana para com a União Soviética após a Segunda Guerra Mundial. Ademais, mesmo depois de abandonar o mundo da diplomacia, Kennan manteve-se um observador atento da política e da sociedade americanas. Nascido em 1904, e ainda a escrever aos 93 anos, Kennan pode bem ser uma das testemunhas chave do séc. XX.

Como veremos na seguinte análise do seu pensamento, Kennan estava perfeitamente consciente da dimensão espiritual da Guerra Fria. Avisando, desde o começo, que o maior perigo para os americanos era tornarem-se iguais aos seus adversários, viu os seus piores medos confirmados nas corridas às armas nucleares entre os super-poderes. A doença espiritual que, segundo Kennan, afectava não

* Professor da Universidade de Kent, Grã-Bretanha.

Tradução de Hugo Chelo.

1 O presente artigo é uma versão abreviada de um capítulo em *Gnostic Wars: The Cold War in the Context of a History of Western Spirituality*, de Stefan Rossbach, a editar brevemente pela Edimburg University Press.

apenas os dois principais protagonistas do conflito mas as sociedades ocidentais em geral, era a tendência para a “exteriorização total do mal”, um falhanço de auto-conhecimento”, falhanço que considerava profundamente não-cristão”.

Biografias de Kennan já existem, mas a maior parte delas focam a influência que teve como diplomata e conselheiro de política externa.² Em resposta a tais esforços, Kennan publicou em 1993 fragmentos de uma “filosofia política pessoal”.³ Contudo, até agora houve pouco interesse em Kennan como filósofo político. O presente artigo visa reunir os vários aspectos dos seus escritos numa tentativa para delinear a filosofia de Kennan e, portanto, realçar a dimensão espiritual da experiência da Guerra Fria. Nesta análise preliminar dos escritos de Kennan, a nossa tarefa é de exegese mais do que de crítica.

Esboço Biográfico

Kennan nasceu em 16 de Fevereiro de 1904 em Milwaukee, Wisconsin. Fez o liceu no St. John's Military Academy, Delafield, e em 1925 obteve o B.A. pela Universidade de Princeton. Tornou-se funcionário dos negócios estrangeiros em Setembro de 1926 e, após seis meses na Foreign Service School em Washington, serviu como vice-cônsul em Genebra, Hamburgo, Berlim, Talinn e Riga entre 1927 e 1933. Neste período de tempo, conta ainda com uma presença no Oriental Seminary da Universidade de Berlim como funcionário de língua russa. Nestes anos Kennan estabeleceu-se como especialista em assuntos russos e soviéticos. Em 1933 Kennan teve a sua primeira missão na embaixada em Moscovo, onde trabalhou como auxiliar e intérprete do Embaixador Bullit. Passado um ano, como cônsul e segundo secretário em Viena, Kennan voltou a Moscovo em Novembro de 1935 (até Agosto de 1937) como segundo secretário, e, de novo, mais tarde em Julho de 1944 (até Abril de 1946) como ministro-conselheiro e chargé d'affaires, e em 1952 como embaixador até o governo soviético o declarar persona non grata depois de uma declaração mal apreciada na qual Kennan comparou o tratamento por si recebido em Moscovo com o tratamento recebido pelos alemães, durante os seis meses do seu internamento em Bad Nauheim, pouco depois dos americanos entrarem na guerra contra a Alemanha.⁴ Entretanto Kennan serviu na secretaria soviética no Departamento de Estado (Outubro de 1937--Agosto de 1938), como segundo secretário e cônsul em Praga (durante um ano desde Setembro de 1938), como conselheiro e chargé d'affaires em Lisboa, e brevemente como conselheiro da European Advisory Commission em Londres.

A carreira de Kennan teve uma reviravolta dramática após o “Telegrama

2 Ver por exemplo Barton Gellman, *Contending With Kennan: Toward a Philosophy of American Power*, New York: Praeger, 1984; David Mayers, *George Kennan and the Dilemmas of US Foreign Policy*, New York: Oxford University Press, 1988; Walter L. Hixson, *George F. Kennan: Cold War Iconoclast*, New York: Columbia University Press, 1989; Anders Stephanson, *Kennan and the Art of Foreign Policy*, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989; Wilson D. Miscamble, *George F. Kennan and the Making of American Foreign Policy 1947-1950*, Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992.

3 George F. Kennan, *Around the Craggy Hill: A Personal and Political Philosophy*, New York: Norton, 1993.

4 *Memoires 1950-1963*, p. 159.

Comprido” que enviou de Moscovo a pedido do Departamento de Estado, em Fevereiro de 1946. A situação foi já comentada tantas vezes que é agora um lugar comum notar o extraordinário impacto do telegrama.⁵ Kennan estava em choque com a política americana para com a União Soviética, pelo menos desde que viera para Moscovo para servir com Harriman em 1944. Por razões a que mais tarde voltaremos, Kennan sentiu que a administração americana e o público não estavam preparados para o problema de lidar com a Rússia”. Antes que os Estados Unidos pudessem enfrentar este problema, tornava-se necessária uma abordagem completamente diferente “dos problemas e técnicas da política externa em geral” porque a URSS não era apenas mais um parceiro ou oponente na política mundial: era uma força animada por uma fé metastática na iminente transfiguração do mundo, através da revolução. Numa carta de 21 de Janeiro de 1946, a Elbridge Durbrow, Chefe da divisão da Europa do Leste no Departamento de Estado, Kennan anunciou a sua demissão porque a mudança necessária em perspectiva não poderia ser iniciada “no interior dos muros das chancelarias diplomáticas ou em posições inferiores no Departamento de Estado. Kennan sentia que poderia ter um efeito maior na opinião pública “em casa” desde que abandonasse o carreira diplomática.⁶

Menos de duas semanas depois, após o discurso de Estaline de 9 de Fevereiro, o D.E. pediu a visão de Kennan sobre os motivos prováveis do comportamento soviético. Antes, Washington jamais respondera aos numerosos telegramas de Kennan a analisar os desenvolvimentos soviéticos, de modo que fora levado a crer que era inteiramente ignorado. Quando o pedido lhe chegou, duas semanas após o desespero o ter conduzido à demissão. Kennan sentiu que nada tinha a perder: “Pediram-no: Agora, por Deus, vão ouvi-las”.⁷ “Cheio de impaciência e dor com a ingenuidade de Washington, Kennan compôs um telegrama de 8.000 palavras, escrito com brilho, em que analisava a natureza do desafio soviético”. O facto de que a URSS era “inacessível a considerações de realidade nas suas reacções básicas”, “de que a linha partidária soviética não se baseava numa análise objectiva da situação para além da fronteira da Rússia”, significava que os dirigentes soviéticos não poderiam ser persuadidos em negociações por argumentos racionais. De facto, o próprio desrespeito dos russos pela verdade objectiva - na verdade, “o facto de descrerem da verdade objectiva - conduzia-os a ver todas as afirmações como instrumentos para promover este ou aquele propósito ulterior”.⁸

A reacção de Washington ao telegrama de Kennan “foi absolutamente sensacional”.⁹ O D.E. enviou a Kennan uma mensagem de felicitações e mandou cópias do telegrama às missões diplomáticas em todo o mundo. O Secretário da Marinha James Forrestal reproduziu o documento e pô-lo à disposição de centenas ou mesmo milhares de oficiais superiores nas Forças Armadas. Kennan acredita que

5 Ver por exemplo John Lewis Gaddis, *The United States and the Origins of a Cold War 1941-1947*, New York: Columbia University Press, 1972, pp. 302-304.

6 A carta está agora nos George F. Kennan Papers, Box 28, Folder “1946”, Seeley G. Mudd Collections, Princeton, New Jersey.

7 Kennan, *Memoires 1925-1950*, Boston: Little Brown, 1968, p. 293.

8 O texto integral do telegrama está no Departamento de Estado dos E.U.A., *Foreign Relations of the United States 1946, Volume VI (Eastern Europe, the Soviet Union)*, Washington DC: Government Printing Office, 1970, pp. 696-709 (699, 701, 706) .

9 Kennan, *Memoires 1925-1950*, p. 294.

foi devido à influência de Forresteral que lhe atribuíram o posto de subdirector de política externa no National War College em Washington e que foi, depois, escolhido pelo general Marshall para encabeçar a nova Comissão de Política de Planeamento.¹⁰ Como Director da Comissão de Planeamento, Kennan foi o principal responsável pela concepção e implementação do Plano Marshall.

Que existia um sério risco de que a suposição pudesse ser incompreendida de um modo fundamental, deve ter-se tornado claro para Kennan, mais tarde, aquando da publicação do famoso artigo X e o subsequente rumor público acerca do respectivo conteúdo.¹¹ Como falharam as tentativas de esconder a autoria de Kennan, o artigo adquiriu um carácter involuntariamente quase oficioso.

Kennan era bombardeado com comentários de imprensa e sentiu-se “como aquele que inadvertidamente deixou cair um grande bloco de pedra de cima de um penhasco e agora, sem poder fazer nada, testemunha o rasto de destruição no vale, estremecendo e retraindo-se face a qualquer vislumbre de desastre.”¹²

A ironia, senão a tragédia da situação era que Kennan falhara na clarificação dos seus pontos de vista; ele foi associado com o “universalismo devastante” (Kennan) da doutrina de Truman. A imprensa escolheu o conceito de “contenção” e elevou-o ao estatuto de “doutrina” da qual Kennan era considerado o autor. Mais tarde, Kennan de uma forma auto-crítica, identifica uma série de deficiências no seu artigo. A mais grave de todas foi o seu falhanço “em tornar claro que o que (ele) queria dizer quando mencionou a contenção do poder soviético não era a contenção por meios militares de uma ameaça militar, mas a contenção política de uma ameaça política.”¹³ Por ter sublinhado a natureza específica do poder soviético, Kennan tinha exigido uma aproximação diferente à política estrangeira dos E.U.A. Mas ao mesmo tempo, a sua apresentação do comunismo soviético, sem intenção, fortaleceu os defensores do papel missionário da América no exorcismo do mal no mundo. Como veremos mais tarde em pormenor, isto era exactamente o contrário daquilo que Kennan intencionava.

Logo que a “visão simplificada e altamente militarizada do problema russo”¹⁴ veio a dominar as políticas dos E.U.A. para com a União Soviética, as recomendações de Kennan deixaram de ter o peso de outrora. A nova atitude estava reflectida no tom e nos conteúdos do NSC-68, o primeiro documento do Policy Planning Staff preparado sob a direcção do sucessor de Kennan, Paul H. Nitze. No início de 1950, Truman autorizou precisamente o tipo de estudo ao qual Kennan sempre resistiu: uma única declaração compreensiva de interesses, ameaças e opções políticas e militares. O NSC-68 ofereceu a primeira abordagem sistemática à Guerra Fria e portanto, ao menos do ponto de vista de Kennan, contribuiu para o seu endurecimento.

Não há aqui espaço suficiente para examinar os problemas filosóficos que rodeiam o documento. Ainda que tenha deixado o Planning Staff, Kennan foi consultado várias vezes durante o processo decorrente. Ainda assim, a posição

10 Kennan, *Memoirs 1925-1950*, p. 355.

11 Mr “X”, “The Sources of Soviet Conduct”, *Foreign Affairs*, Vol. 25, July 1947, pp. 566-582.

12 Kennan, *Memoirs 1925-1950*, p. 354-367. (356).

13 Kennan, *Memoirs 1925-1950*, p. 358.

14 Kennan, *Memoirs 1925-1950*, p. 134.

ativista do autor, o implícito comprometimento universal pela causa da liberdade, e em particular, com o peso excessivo do documento, designado para as medidas militares, marcou um significativo afastamento da sua concepção acerca dos interesses dos E.U.A.

Depois de ter deixado o Policy Planning Staff, Kennan retirou-se por um longo período e passou dois anos no Institute for Advanced Study em Princeton, antes de aceitar, com alguma hesitação, o cargo de embaixador em Moscovo. Ele hesitou pela simples razão “de ter algumas desconfianças em representar, numa capital tão importante e sensível como Moscovo, uma política que não era para ele “inteiramente compreendida nem acreditada.”¹⁵

No Verão de 1953, Kennan retirou-se dos serviços de estrangeiro e tornou-se membro do Institute for Advanced Study. Com a excepção de um breve cargo de Embaixador na Jugoslávia sob a administração Kennedy (1961-1963), Kennan evitou outros envolvimento directos na política e encontrou um novo lar no mundo académico do qual se tornou um membro muito respeitado. Por entre os seus escritos, leituras e aparecimentos públicos, Kennan parece ser agora, nas palavras de Alex Danchev, o “suposto filósofo-rei da república americana.”¹⁶

Kennan como Filósofo

Para Kennan, tal como para Platão, a alma é o centro do homem. Com a alma “desenvolve-se no homem (...) a capacidade para a auto-vigilância, para o auto-questionamento, para a consciencialização das qualidades morais do seu próprio comportamento e com certeza uma certa habilidade para receber e manter em vista as distinções entre o certo e o errado.”¹⁷ Kennan vê a alma “não apenas como uma espécie de auto-vigilância, que não está presente no animal, mas também como a emergência, no homem individual, de uma certa autonomia moral - uma habilidade para fazer escolhas e para traçar, nos limites da sua mortalidade e da sua natureza semi-animal, o seu próprio caminho.”¹⁸ A alma tem de agir entre duas divindades, a Primeira Causa e o Espírito. A Primeira Causa é o criador da ordem natural das coisas e, no seu papel, não é inteiramente correspondente aos desejos humanos. “A Primeira Causa deve, afinal de contas, ter tido uma série de outras coisas em que pensar.” Por isso, o homem não está em posição de transgredir a ordem natural das coisas - nem pelas suas próprias acções nem pelas orações.

Mas a alma não está só na ordem das coisas. “Simultaneamente com a emergência da alma parece-me tornar-se evidente a existência e o envolvimento na vida humana, de uma Divindade de uma outra ordem (...) cheia de compreensão e compaixão pelas agonias infligidas ao homem pelo conflito entre as suas duas naturezas”, física e espiritual. Esta Divindade, “senão o criador da inovação na natureza do homem chamada a alma, foi e é sua companhia.” É uma “companhia adorável e atenciosa”, e

15 George F. Kennan, *Memoirs 1950-1963*, Boston: Little Brown, 1972, p. 105.

16 Alex Danchev, “To and from Russia with love”, in *The Times Higher Educational Supplement*, July 5, 1996, p. 22.

17 Kennan, *Around the Cragged Hill*, p. 38.

18 Kennan, *Around the Cragged Hill*, p. 44.

talvez mais ainda: “uma parte da própria pessoa humana, partilhando os desafios e dilemas e emprestando a força necessária para os sofrimentos.” Referindo-se a João 4: 24, Kennan encara esta Divindade misericordiosa como uma “Substância, um Espírito, tal como se diz que o próprio Jesus uma vez o descreveu.” Kennan distingue o Espírito da “divindade toda-poderosa da doutrina cristã estabelecida”, porque o Espírito “não partilha qualquer responsabilidade pela ordem natural das coisas na qual o indivíduo humano é obrigado a viver.” O Espírito concebe esta ordem como um factor “dado” na definição da situação humana - como um dos termos inalteráveis do problema humano; e tal começa por aí na procura pela resposta para esse problema.” O problema é reduzido, então, “à questão do como, dentro da armação de uma ordem natural já estabelecida, o indivíduo deve conduzir-se de uma forma consistente com o propósito divino.”¹⁹

No contexto deste problema, o de viver em harmonia com o “propósito divino” numa ordem dada ao homem, a intercessão do Espírito é requerida e será próxima “se convenientemente demandada”. Kennan parece sugerir que o Espírito pode falar ao homem em momentos de desespero. “Eu sou uma parte de ti, diz o Espírito. Eu estou parcialmente dentro de ti.” O Espírito pode ajudar apenas na medida em que o crente souber receber esta ajuda e “dar o (seu) melhor para se ajudar (a si mesmo).” É o crente quem, “pelas dimensões do (seu) próprio esforço, define os limites da utilidade do (Espírito).” A “utilidade” do Espírito reside no facto de ser um “colega sofredor”, que dá a “compreensão” e, “na medida em que (o crente), merece, a compaixão.” Porque o Espírito é “mais forte” que o crente, Ele pode dar a força para que os esforços humanos possam “estender-se” para além da mortalidade. As acções do Espírito não são “inteiramente inteligíveis” para os homens. Algumas delas “terão de ser acatadas pela fé”; de facto, elas são apenas oferecidas “na assunção de que a fé está próxima.”

Kennan vê-se em dificuldades para mostrar que a tensão entre a ordem dada das coisas e a Divindade misericordiosa deve ser suportada em vez de artificialmente removida. Há esperança, mas não um final feliz. Kennan rejeita “decisivamente” “todas e quaisquer sugestões” de que a humanidade possa ser aperfeiçoável. O homem era um “vaso quebrado.” Havia uma “verdadeira imperfeição na natureza humana - uma imperfeição que coloca limitações definitivas à felicidade do homem, quer pessoal ou social, e a correcção disso reside, em parte, além dos limites dos seus próprios poderes. O homem não era “perfectível” pois as fissuras na alma humana são profundas e elementares, um facto que nos deveria “avisar contra todo e qualquer tipo de propósito e expectativa utópica.” “Os marxistas e outros materialistas” não conseguiram reconhecer que “uma dimensão trágica é construída na própria existência do indivíduo humano; e tal não deve ser superado, nem pelas mais drásticas intervenções humanas nas relações económicas e sociais entre os indivíduos.” A esperança só pode vir de um “envolvimento preeminente e responsabilização da alma humana singular, em toda a sua solidão e fraqueza.”²⁰

Estabelecendo um forte elo entre a alma e a Divindade misericordiosa, Kennan apresenta a alma como o sensor humano da transcendência. A dualidade entre a

19 Kennan, *Around the Cragged Hill*, pp. 45-46.

20 Kennan, *Around the Cragged Hill*, pp. 27-28., 36., 258.; ver ainda George F. Kennan, *Democracy and the Student Left*, Boston: Little Brown, 1968, pp. 9-10.

Primeira Causa e o Espírito não é resolvida num qualquer drama cósmico, como por exemplo na mitologia gnóstica, mas mantém-se como a condição fundamental da existência humana. O homem tem de suportar a tensão de estar na *metaxis* platónica. Kennan assegura-nos que a condição humana não é razão para o desespero. Pois a luta “pode ter, e tem, os seus momentos de glória.” Mais ainda, a “verdadeira glória” não será encontrada nos “prospectos visíveis do sucesso” mas no “valor inerente da luta.”²¹

A fé cristã “tem a sua parte” na vida, em que o homem reconhece que a medida de Deus é “invisível”. Aguardando julgamento de um poder maior que ele próprio, o homem pode fazer apenas o que lhe é permitido, “com o máximo de fidelidade que conseguir manter para com a sua própria natureza e os seus próprios valores.” Pois os homens vêm “apenas obscuramente, a sua justiça é imperfeita, e não sabem realmente o que está certo e o que está errado. Saberão, apenas se tiverem dado o seu melhor”.²² Todos carregamos uma responsabilidade individual pelas nossas acções precisamente porque não conseguimos ser meros agentes da vontade divina. Os propósitos de Deus não são visíveis; e os Seus caminhos são “verdadeiramente indescerníveis”.²³ A alma do homem dá-lhe o sentido do “certo” e “errado”, o sentido da medida, os conteúdos de tal ficam, porém, velados.

Filosofia, Política e os limites do poder

No domínio político, a incognoscibilidade da medida divina impõe limites filosóficos na projecção do poder ocidental e dos E.U.A. sobre o resto do mundo. Não são apenas razões pragmáticas mas morais que exigem que os americanos pesem os limites do seu poder. Neste contexto, vale a pena notar que Kennan foi um dos primeiros críticos da Guerra do Vietnam. Insistiu que “há problemas neste mundo que nós não conseguiremos resolver, profundidades nas quais não é útil mergulharmos, dilemas noutras regiões do globo que terão de arranjar as suas soluções sem o nosso envolvimento.”²⁴ “Temos de ter em conta que há coisas que não sabemos e não podemos saber.” Por isso “(...) não podemos concluir que tudo o que queremos reflecte automaticamente o desígnio de Deus (...)”.²⁵ Em particular, esteve para além das “possibilidades políticas e morais” dos Estados Unidos “governar, ainda que temporariamente, grande número de pessoas noutras partes do mundo.” O cepticismo de Kennan acerca dos programas de ajuda ao estrangeiro é largamente sustentado nesta perspectiva.²⁶

Se um aspecto essencial da condição humana é que a medida de Deus seja “invisível”, então nenhum povo está justificado na aplicação da sua medida aos

21 Kennan, *Around the Cragged Hill*, p. 27.

22 Kennan, *Democracy and the Student Left*, pp. 238-239.

23 *Memoirs 1950-1963*, pp.166-167.,324.; George F. Kennan, *Sketches from a Life*, New York: Pantheon, 1989, p.x.

24 George F. Kennan, *American Diplomacy*, Chicago: University of Chicago Press, 1984, p. 178.

25 George F. Kennan, “Foreign Policy and Christian Conscience”, *Atlantic Monthly*, May 1959, p. 44-49. (45); George F. Kennan, “World Problems in Christian Perspective”, in Abraham S. Eisenstadt (ed.), *American History: Recent Interpretations*, New York: Crowell, 1962, pp. 460-476 (468).

26 *Memoirs 1925-1950*, pp. 181., 310.; *Cragged Hill*, p. 200.

outros povos do mundo. “Nenhum povo pode ser o juiz das instituições domésticas e das necessidades de outros, e os americanos “não têm necessidade de ser defensores de ninguém, a não ser de nós próprios, das coisas que fazemos e dos arranjos que pomos em vigor no nosso próprio país.” Se os americanos forem capazes de agir de modo a “suportar (eles mesmos) este tipo de contenções, e, para além disso, capazes de se “conterem de atentados constantes de avaliação moral”, então, como Kennan sugere, “a posteridade poderá olhar para os nossos esforços com menos questões problemáticas e mais fáceis.”²⁷

Cruzadas morais, que exigem grandes mudanças nas vidas de outro povo, “não eram apropriadas” para os Estados Unidos.²⁸ Contra o “legalismo” e o “moralismo” do período imediato pós-guerra, Kennan propôs “a reaproximação a alguns dos conceitos dos Pais Fundadores deste país se queremos lidar com os problemas dos tempos modernos.”²⁹ O seu estudo da história diplomática americana mostrou-lhe que o “pensamento lúcido e realista dos primeiros estadistas americanos do período federalista” perdeu-se na “nublada linguagem bombástica dos sucessores das décadas seguintes.” Orientou as expectativas utópicas, a metodologia legalista e as exigências moralistas da diplomacia americana pós-Kennan, aos estadistas do período da Guerra Civil até à II Guerra Mundial. Kennan olhou tais “idealismos ostensivos e pretensiosas empresas, como a *Sociedade das Nações* e as *Nações Unidas*, como esconderijos para “o nosso falhanço em ter uma genuína política externa dirigida aos problemas reais das relações internacionais num mundo em mudança.”³⁰

A única forma de exercer influência externa que fosse “apropriada” para os Estados Unidos era a liderança pelo exemplo. Num discurso dado em Scranton em Janeiro de 1953, Kennan citou a passagem de John Quincy Adams acerca da “América ser o amigo da liberdade e independência de todos, mas somente o campeão e o defensor da sua”. Incentivou os seus concidadãos a “terem orgulho nas nossas instituições e nas nossas ideias políticas”; que as “recomendassem pela sua aplicação bem sucedida no nosso país”.³¹ Vezes sem conta, Kennan repetiu que o poder do exemplo era muito maior que o poder da ordem. “O maior serviço que este país poderá oferecer ao resto do mundo é pôr a sua própria casa em ordem e, então, fazer da civilização americana um exemplo de decência, humanidade, e sucesso social, de onde os outros podem deduzir o que acharem útil para os seus próprios propósitos.”³² Kennan nunca se afastou do princípio da “liderança pelo exemplo”. Ele reaparece nos inícios dos anos 90 como “a maior ajuda” que os americanos podem dar aos russos após o final da Guerra Fria, contudo o exemplo, é claro, “dependerá da qualidade da nossa própria civilização”.³³

Uma implicação importante da incognoscibilidade da medida é que, para

27 *American Diplomacy*, pp. 53-54.

28 *Sketches from a Life*, p.213.

29 George F. Kennan, *Measures Short of War: the George F. Kennan Lectures at the National War College 1946-47*, (ed. by Giles D. Harlow, George Maerz), (Washington, DC: National Defence University Press, 1991, p. 214.

30 *Memoirs 1950-1963*, pp. 70-71.

31 Kennan citou do seu próprio discurso em *Memoirs 1950-1963*, pp. 171-173.

32 *American Diplomacy*, pp. 153., 178.; *Cragged Hill*, pp. 209-210.

33 Ver por exemplo, George F. Kennan, “Communism in Russian History”, in George F. Kennan, *A Century's Ending: Reflections 1982-1995*, New York: Norton, 1996, pp. 43-61. (60).

Kennan, “a crença nas nossas instituições é ainda algo da natureza da fé, um hábito e uma predileção.” Não era uma crença “que pudesse ser justificada perante outros em bases empíricas incontestáveis”. Se as instituições públicas americanas são capazes de “suportar a sociedade por entre as vicissitudes da mudança social e económica, e continuar a fornecer uma armação bem sucedida para o progresso de uma sociedade onde o desenvolvimento da tecnologia está a colocar sempre grandes tensões na estrutura da autoridade pública”, tal, como Kennan escreveu em 1950, era o assunto indecidiado do presente. Num “mundo imperfeito e em mudança”, o assunto nunca será inteiramente decidido por isso “a nossa aderência às nossas instituições tem de permanecer, legítima e compreensivamente, um acto de fé, não uma experiência pragmática”. Por conseguinte, de novo, “qualquer tentativa da nossa parte em recomendar as nossas instituições a outros torna-se perigosamente próxima das tendências messiânicas daquelas ideologias políticas militantes que dizem, com efeito “devem acreditar porque nós acreditamos”³⁴

Liderança filosófica e a necessidade de introspecção

Num dos relatórios do Policy Planning Staff, Kennan argumenta que “num verdadeiro mundo estável a ordem só procede, no nosso tempo de vida, a partir das nações mais antigas, mais maduras e mais avançadas do mundo”. Pois foram estas nações para as quais “o conceito de ordem, em oposição ao de poder, tem valor e sentido.” A não ser que estas nações, “segundo aquela combinação de grandeza política e sábia contenção que se encontra apenas numa civilização estável e acabada”, encontrem a força para manter “a verdadeira liderança nos assuntos contemporâneos do mundo”. A visão de Platão, de que “[...] as cidades nunca terão descanso dos seus males, bem como a raça humana, tal como eu acredito”, tornar-se-á verdade.³⁵ É notável que a *República* de Platão tenha encontrado lugar nos papéis do corpo consultivo principal do Departamento de Estado. A citação é bem reveladora pois com ela pretendia-se fornecer um contexto para o (decorrente) P.R.E., o Programa de Recuperação Europeia (Plano Marshall). O contexto torna-se claro quando compreendemos que o aviso de Platão em *República* 474d-e, se refere a uma situação na qual a cidade falha na combinação entre filosofia e poder político. Na análise de Kennan a tarefa do plano Marshall era preparar o fundamento para a re-emergência da liderança filosófica entre as nações do mundo. Como tal, é expresso ainda o reconhecimento de que as fontes principais da maior parte da cultura e tradições [americanas] repousam na Europa. Abandonando a Europa, “nós mesmos estaríamos a colocar-nos na posição de um país isolado, cultural e politicamente. Para manter a confiança nas nossas tradições e instituições, teríamos de, hoje em diante, assobiar ruidosamente no escuro”.³⁶

34 “Memorandum by the Counselor of the Department (Kennan) to the Secretary of State”, Washington, 29 de Março, 1950 in US Department of State, *Foreign Relations of the United States 1950, Volume II (The United Nations, the Western Hemisphere)*, Washington, DC: Government Printing Office, 1976, pp. 616-617.

35 *State Department Policy Planning Staff Papers*, Vol. II, 1948, New York: Garland, 1983, p. 126.

36 *Measures Short of War*, pp. 167-168.

Na perspectiva de Kennan, o Programa de Recuperação-Europeia estava baseado em preocupações filosóficas e -portanto- civilizacionais. Estava “em jogo, na continuação das presentes condições na Europa, nada menos do que a possibilidade da renúncia, por parte dos europeus, aos valores da responsabilidade individual e da contenção política que se tornaram tradicionais para o seu continente. Isto iria desfazer a obra de séculos e causar tal dano que só poderia ser superado pelo esforço de séculos ulteriores”. Acrescentava ainda que, os Estados Unidos, “em comum com grande parte do resto do mundo, sofreriam uma perda cultural e espiritual incalculável através dos efeitos a longo prazo”.³⁷

A necessidade de introspecção e reforma *interna* não se deu apenas pela falta óbvia de liderança *filosófica* no mundo da política. As profecias de Kennan ganharam um sentido adicional de urgência pela sua crença na inevitabilidade do declínio. A não ser que sejam tomadas precauções, a natureza irá sempre “reclamar o que é seu”, “no seu modo usualmente implacável, atacando os produtos de todas as intromissões humanas, nas suas uniformidades favoritas, quebrando as fundações, apodrecendo as muralhas, expalhando teias de aranha, fazendo crescer relvas, prados, em todos os produtos do esforço humano de “melhoramento”.³⁸ Kennan foi um grande admirador de Edward Gibbon (1737-1794), o cronista da queda e declínio do Império Romano. “Durante anos”, admitiu Kennan nos finais dos anos 60, a sentença de Gibbon, de que “num governo democrático os cidadãos exercem os poderes da soberania; e esses poderes serão primeiramente abusados, e depois perdidos, se forem atribuídos a uma multidão rígida”, tinha estado no centro da [sua] filosofia política.”³⁹ Noutra ocasião Kennan cita de Gibbon que “do entusiasmo à impostura o passo é perigoso e escorregadio.”⁴⁰

A implicação de tais considerações é que o declínio é inevitável a não ser que a sociedade americana tome conta de si própria. Kennan é inflexível na afirmação de que a celebração da “democracia”, por si só, não era suficiente. “A democracia em todas as suas formas modernas, e em particular tal como existe agora nos E.U.A., não é a resposta final para os problemas políticos”. Uma vez que “o valor de uma sociedade democrática num sentido cristão depende não só do facto de se usufruírem certos direitos e liberdades mas da natureza do uso que fazemos deles.”⁴¹ As liberdades democráticas são meios, não são fins. E a questão dos fins – do melhoramento – implica naturalmente aspectos espirituais da existência humana. A resposta para o “grande desnorteamento social deste tempo” tem de residir predominantemente na “formação espiritual, moral e intelectual do indivíduo com vista ao desenvolvimento das suas qualidades de liderança, ao invés das perspectivas de um desajustado auto-melhoramento por parte das massas desgovernadas.”⁴² A crítica de Kennan à democracia é, em muitos aspectos, análoga à de Platão. Onde, a

37 *State Department Policy Planning Staff Papers*, Vol. I, 1947, New York: Galand, 1983, pp. 31-32.

38 *Sketches from a Live*, p. 360.

39 A citação é de *Democracy and the Student Left*, p. 206. Acerca da admiração de Kennan por Gibbon ver ainda George F. Kennan, “History as Literature”, *Encounter*, Vol. 12, Nº 4, Abril 1959, pp. 10-16. (12).

40 *American Diplomacy*, p. 109.

41 “Foreign Policy and Christian Conscience”, p. 45.; “World Problems in Christian Perspective”, p. 468.

42 *Crugged Hill*, pp. 68., 258.

insistência na necessidade de uma meritocracia. Kennan compromete-se abertamente com uma forma de “elitismo”. A elite requerida tem de ser uma elite “de serviço aos outros, de consciência, de responsabilidade, de contenção de tudo o que é indigno no Eu, e de resolução em ser para os outros mais do que se poderia esperar em ser para si próprio.”⁴³ Respondendo ao problema da selecção, Kennan reitera o aviso de Platão na *República* 521b, embora com a referência a Burke em vez de Platão: “[Ele] acredita profundamente no ponto de vista Burkeano de que só são capazes de exercer altos cargos aqueles que os odeiam, e só são persuadidos a fazê-lo por um sentido de dever público.”⁴⁴

O Totalitarismo como a corrupção da Alma

De acordo com Kennan, uma das mais importantes e mais perturbadoras características do totalitarismo soviético, e na verdade de todo o tipo de totalitarismo, é a sua oposição ao questionamento pela verdade. “As pessoas realmente comprometidas com a ideologia soviética [...] não podiam estar simultaneamente comprometidas com um dogma rígido e com uma total disciplina intelectual, por um lado, e com a liberdade de pensamento na procura da verdade objectiva [...] por outro.”⁴⁵ Na sua “imaginação política febril” os líderes soviéticos cultivaram a falsidade como uma arma deliberada de política. “Começaram por adoptar uma atitude de completo cinismo acerca da verdade objectiva, negando o seu valor, senão, a sua existência, declarando que a mentira não é menos útil e respeitável do que a verdade, desde que sirva os propósitos do partido.” Uma vez que a possibilidade da verdade é negada, a falsidade torna-se um meio para os líderes soviéticos “enganarem os outros e explorarem as suas crenças”, bem como para se confortarem e se assegurarem a si próprios.⁴⁶ A verdade não era constante mas, “efectivamente, criada”. A verdade não era nada mais do que “a recente manifestação da sabedoria naqueles em que a suprema sabedoria é suposta residir, pois representavam a lógica da história”.⁴⁷

Com esta negação da procura da verdade, o sistema soviético foi “uma tentativa de destruição da civilização ocidental”, tal como Kennan notou num relatório do Policy Planning Staff.⁴⁸ Apesar disso, estava confiante que o comunismo não tinha futuro. E não tinha futuro porque, tal como, um amigo de Kennan, Charles Bohlen uma vez observou, “não tinha resposta para o fenómeno da morte”. “As perspectivas marxistas incluíam a falta de reconhecimento de que a condição individual humana incluía nela própria elementos de tragédia (a mortalidade do ser humano entre eles) que não poderiam ser vencidos mesmo pela mais drástica manipulação do ambiente social”.⁴⁹ Os líderes do Kremlin, ainda que armados com uma ideologia formidável,

43 *Cragged Hill*, pp. 130-133.

44 George F. Kennan, George Urban, “A Conversation”, in George F. Kennan et al. *Encounters With Kennan*, London: Cass, 1979, pp. 1-83. (29).

45 *Memoirs 1950-1963*, p. 199.

46 George F. Kennan, *Russia, the Atom and the West*, Westport, CT: Greenwood, 1974, pp. 20-21.

47 *American Diplomacy*, p. 117.

48 *State Department Policy Planning Staff Papers*, Vol. II., 1948, p. 393.

49 *Cragged Hill*, p. 98.

não tinham “respostas para quaisquer dos grandes mistérios da humanidade, os mistérios do nascimento, amor, ambição e morte, que têm acompanhado o homem desde o princípio da civilização”.⁵⁰ E no entanto era necessário estar atento à ulterior difusão do messianismo pois aqueles, que estão “determinados a alcançar a eliminação do mal e a realização do Milênio no seu próprio tempo”, causam mais dano do que os esforços daqueles que “tinham tentado criar uma pequena ordem, civismo e afeição na sua íntima companhia, ainda que tolerando uma grande porção de mal no domínio público.”⁵¹

Kennan é por vezes criticado por não ter feito um esforço sério por estudar o marxismo e os conteúdos doutrinários da ideologia soviética.⁵² No entanto Kennan rejeitou a ideologia soviética não apenas pelos conteúdos e reivindicações mas, antes disso, pela natureza das reivindicações. Ele nunca passou por um “período marxista”, e a sua repugnância pelo “marxismo russo” não esteve baseada, portanto, na desilusão. Ele nunca teve paciência para a ideologia soviética, para a sua “pseudo-ciência, heróis e vilões artificiais”, pelo seu “ódio professo e rejeição de largas porções de humanidade, crueldade abundante, reclamações de infabilidade, oportunismo, método sem escrúpulos” e “desrespeito pela verdade”.⁵³ Na sua auto-valorização, pertenceu, “segundo os marxistas, àquela classe bastante censurável de pessoas que não são marxistas nem anti-marxistas mas vivem fora da armadura conceptual de ambos”.⁵⁴ Criticar Kennan pelo seu falhanço em absorver as subtilidades das doutrinas marxistas é confundir a base filosófica que sublinha a rejeição da ideologia por Kennan. Assim que fique estabelecido que a posição é filosoficamente defeituosa, é uma perda de tempo disputar os seus detalhes.

Mas houve uma outra razão para que parecesse não valer a pena gastar tempo estudando Marx e Lenine. A ideologia soviética, para Kennan, era uma mera manifestação de um problema muito mais profundo. Kennan identifica uma ligação contínua do conceito de Rússia como a “Santa Rússia” e de Moscovo como a “Terceira Roma” à “qualidade messiânica” do comunismo soviético. Por trás “daquelas velhas muralhas inflexíveis que rodeiam os palácios e as igrejas do Kremlin não havia uma nova revelação de um génio humano ou divino; não havia uma nova ideia destinada a mudar a ética do homem e a abrir uma página mais brilhante na história da humanidade, mas apenas [...] uma versão aerodinâmica de um despotismo tão velho como a própria sociedade humana.”⁵⁵ A ideologia soviética propôs-se como uma “religião rival” mas, como tal, era “não menos bizantina na concepção e não menos russa no método” do que a igreja ortodoxa.⁵⁶

A “Rússia”, explica Kennan, nunca foi uma noção territorial. A Rússia “parou onde o descrente começou”. “Não havia barreiras geográficas, montanhas, mares, rios fluentes que a demarcassem. Era tão ilimitada como o horizonte do próprio

50 *Measures Short of War*, p. 85.

51 *Democracy and the Student Left*, p. 9.

52 Ver por exemplo Anders Stephanson, *Kennan and the Art of Foreign Policy*, p. 30.

53 *Memoirs 1925-1950*, pp. 68-70.; *Cragged Hill*, p. 97.

54 Kennan, Urban, “A Conversation”, p. 82.

55 *Measures Short of War*, pp. 84-85. Ver ainda George F. Kennan, “Communism in Russian History”.

56 “The Chargé in the Soviet Union (Kennan) to the Secretary of State”, Moscow, February, 3, 1945, in US Department of State, *Foreign Relations of the United States 1945, Volume V (Europe)*, Washington, DC: Government Printing Office, 1967, p. 1117.

plano russo. E não é de espantar que os russos não vissem um limite final à possível extensão do seu poder”. Kennan cita de um enviado americano que reportou de S. Petesburgo no século XIX “este povo está obcecado com uma estranha superstição acerca do seu destino em conquistar o mundo”.⁵⁷ A continuidade histórica do messianismo russo implicava que, a um nível mais profundo, o problema do totalitarismo soviético não era um problema da ideologia marxista. “Resumindo: o papel da ideologia na psicologia política soviética, ainda que de tremenda importância, não é tão primária como a determinação básica da acção política”.

A nossa análise deve transferir-se, portanto, da avaliação de Kennan da ideologia soviética, para o problema do totalitarismo em geral. Depois de ter vivido mais de dez anos da sua vida em países totalitários, não tinha qualquer dúvida que o totalitarismo era “o preconceito mais chocante e cínico de alguém sobre a credibilidade e ao equilíbrio espiritual dos homens”.⁵⁸ O totalitarismo era “o equivalente social de uma doença mental”; ambos começavam normalmente com “a sensação de serem vítimas inocentes de forças conspirativas invisíveis”.⁵⁹ Desta forma, significativamente, o totalitarismo não foi um fenómeno nacional; “é uma doença para a qual toda a humanidade é nalgum grau vulnerável. Viver sob tal regime é um infortúnio que pode suceder a uma nação por virtudes puramente históricas [...]. Onde as circunstâncias enfraqueçam os poderes de resistência, até um certo grau crucial, o vírus triunfa”. Os russos, noutras palavras, tornaram-se vítimas de um “vírus” que explorou “o mal e a fraqueza da natureza do homem”. Tentou-se “viver pela degradação do homem, alimentando-se como um abutre das suas ansiedades, da sua capacidade para odiar, da sua susceptibilidade para errar, e da sua vulnerabilidade à manipulação psicológica”.⁶⁰

Era, simplesmente, mentira que “os impulsos humanos que dão corpo aos pesadelos do totalitarismo eram aqueles que a Providência designou apenas aos outros povos e para os quais o povo americano ficou graciosamente imune.” Mais ainda, havia “forças abertamente totalitárias já a trabalhar na sociedade [americana]. De facto, “há um pouco de forças totalitárias enterradas, bem no fundo, de cada um de nós. É só a alegre luz da confiança e segurança que mantém este génio mau por baixo, na usual irremediabilidade e invisível profundidade”. Aqueles que pensam que estava concluído o trabalho de construir a liberdade nos Estados Unidos, total e eternamente pelos nossos antepassados, “deixam-se embalar no sono”. Citando Goethe, Kennan concluiu que a liberdade era para ser conquistada todos os dias”.⁶¹

A vulnerabilidade da alma humana aos perigos do totalitarismo criou um laço entre russos e americanos. Kennan pediu aos seus compatriotas para se “elevarem acima destas reacções fáceis e infantis e que consintam ver na tragédia da Rússia uma parte da nossa própria tragédia, e o povo da Rússia como os nossos camaradas na longa e árdua batalha por um sistema mais feliz de coexistência do homem consigo próprio e com a natureza deste planeta confuso.”⁶² E porque a confiança – ou a fé –

57 *Measures Short of War*, p. 116.

58 *Memoirs 1950-1963*, p. 225.

59 George F. Kennan, “The Ethics of Anti-Communism”, in *University: A Princeton Quarterly*, Nº 24, Spring 1965, pp. 3-5. (5).

60 *American Diplomacy*, pp. 147-148.

61 *Measures Short of War*, p. 168.

62 *American Diplomacy*, p. 147.

era decisiva na expulsão do vírus do totalitarismo, a ameaça “que residia atrás dos exércitos soviéticos, [...] e atrás das aberrações dos confusos esquerdistas americanos, não será superada até que aprendamos a ver-nos realisticamente e a purificar-nos de alguns dos nossos preconceitos, das nossas hipocrisias, e da nossa falta de disciplina cívica.”⁶³ No fim, o “factor mais importante na determinação do resultado final da Guerra Fria foi a marca espiritual da nossa civilização.” Pois “mesmo que ganhemos aos russos é prioritária a questão de nos vencermos a nós próprios.” “Os destinos da Guerra Fria começarão a virar na nossa direcção à medida que aprendamos a aplicar-nos, resolutamente, em muitas coisas que não têm, vistas de um modo superficial, nada a ver com a Guerra Fria”.⁶⁴ Sendo o maior perigo para as repúblicas virtuosas, o “totalitarismo” ocupa, na perspectiva de Kennan, o lugar que a noção de corrupção ocupava na filosofia dos Pais Fundadores.

O endurecimento da Guerra Fria, no entanto, foi uma forte evidência para Kennan de que os americanos estavam a falhar nos seus esforços para evitar o contágio do vírus do totalitarismo. O Plano Marshal foi o início apropriado da política de “contenção”, mas era para ser precisamente isto: o princípio. “Iria estabelecer a fundação de um novo sentido de propósito na sociedade ocidental” – o sentido de propósito necessário “não apenas para a nossa protecção contra uma ameaça exterior mas para permitir-nos encontrar uma dívida para com a nossa própria civilização [...], para alcançar o que devíamos a nós próprios, ainda que uma coisa como o comunismo internacional nunca tenha existido.”⁶⁵ Todas essas coisas que eram precisas para combater o comunismo eram necessárias de “qualquer forma – ainda que na ausência de uma ameaça comunista – para assegurar a preservação e o avanço da civilização.”⁶⁶

Este sentido lato de “contenção” aproxima o termo da noção clássica de *arete*, da existência equilibrada, do tomar conta de si próprio, da habilidade para preservar a abertura da realidade, resistindo à escravidão dos vícios, da virtude. Deste modo, por debaixo do problema da importância relativa dos meios políticos e militares de contenção da União Soviética,⁶⁷ há uma preocupação filosófica no centro da contenção de Kennan. Kennan torna esta preocupação explícita reconhecendo que “nós não podemos mais aplicar esse termo [contenção] à União Soviética sozinha”.

63 *Measures Short of War*, pp. 86-87.

64 Kennan escreve acerca da “spiritual distinction” numa carta de Janeiro de 1952, referindo-se a *Memoires 1950-1963*, p. 84; as outras citações são de *Russia, the Atom and the West*, pp. 14., 96.

65 *Russia, the Atom and the West*, p. 90.

66 “Draft Memorandum by the Counselor (Kennan) to the Secretary of State”, Washington, February 17, in US Department of State, *Foreign Relations of the United States 1950, Vol. 1, National Security Affairs, Foreign Economic Policy*. Washington, DC: Government Printing Office, 1977, pp. 163-164.

67 Acerca da importância relativa dos meios políticos e militares de “contenção” ver John Lewis Gaddis, “Containment: A Reassessment”, *Foreign Affairs*, Vol. 55, Nº4, July 1977, pp. 873-887.; Eduard Mark, “The Question of Containment: A Reply to John Lewis Gaddis”, *Foreign Affairs*, Vol. 56, Nº2, January 1978, pp. 430-441. (with a rejoinder by Gaddis on pp. 440-441.); George F. Kennan. “Letter to the Editor”, *Foreign Affairs*, Vol. 56, Nº3, April 1978, pp. 643-645. (With a rejoinder by Mark on pp. 645-647.); John Lewis Gaddis, “Introduction: The Evolution of Containment”, in Terry L. Deibel, John Lewis Gaddis (eds), *Containing the Soviet Union: A Critique of US Policy*, Washington: Pergamon-Brassey's, 1987, pp. 1-12.

Pois “há muitos aspectos na nossa vida, aqui neste país, que precisa de imediata contenção prévia. De facto, poder-se-ia dizer que a primeira coisa que nós, americanos, precisamos aprender a conter, nalguns aspectos, somos nós mesmos”. “A [nossa] própria destrutividade ambiental”, “a nossa tendência para viver além dos nossos meios” são apenas dois exemplos dos aspectos da vida moderna ocidental que precisam de “contenção”. Kennan propõe “desenvolver um vasto conceito do que contenção significa, um conceito mais proximamente ligado à totalidade dos problemas da civilização ocidental nesta conjuntura na história mundial”.⁶⁸

Mais ainda, a contenção nunca tentou “perpetuar o status quo” mas “ligar-nos num período difícil”. A certa altura, em meados dos anos 40, Kennan pensou que este “período difícil” deveria continuar durante dez a quinze anos.⁶⁹ O percurso da contenção terminou, como foi considerado por Kennan, quando a “contenção foi transformada numa doutrina, num “mito indestrutível”. Isto, Kennan acredita, foi um dos efeitos infelizes do “X-Article”. Num certo sentido, então; a contenção não falhou mas o prosseguimento intencionado nunca ocorreu.⁷⁰ Em vez disso, como mencionado acima, seguiu-se a militarização do conflito.

Desde então, Kennan esteve outra vez em disputa com a política externa americana. Se os Estados Unidos tinham falhado no reconhecimento de que a “União Soviética [era] um novo e diferente tipo de poder” até 1946, passou-se para o extremo oposto depois de 1949. “Emergiu uma daquelas grandes e proibitivas aparições em que a opinião de massas é tão facilmente levada a acreditar: um monstro livre de toda a humanidade e de toda a racionalidade; enfim, a encarnação e a caricatura do mal, destituída de conflitos internos e problemas íntimos, tentando apenas trazer uma destruição insensível às vidas e esperanças de outros”.⁷¹ O poder soviético tornou-se tão “demoníaco, monstruoso, inconcebível, impenetrável” aos olhos americanos que era impensável “admitir partilhar a responsabilidade pelo comportamento [soviético]”.⁷² Para a consternação de Kennan, os americanos vieram “inconscientemente” a aceitar a tese soviética de que “todo o ganho soviético é automaticamente a nossa perda e a ver a nossa salvação dependente da nossa habilidade para ultrapassar a Rússia em toda e qualquer fase do seu progresso económico”.⁷³ A Guerra Fria, noutras palavras, tornou-se um jogo invencível para ambos os jogadores. Kennan sentiu que era necessário responder a estes desenvolvimentos com a defesa de “um novo acto de fé na derradeira humanidade e sobriedade do povo do outro lado”, uma defesa que, dirigida a ambos os lados, implicava que o laço comum da humanidade tinha sido quebrado entre os

68 George F. Kennan, “Containment: Then and Now”, in Kennan, *At a Century's Ending*, pp. 110-115. (114-115).

69 “Memorandum of Canadian-United States Defense Conversations held in Ottawa in Suite “E”, Chateau Laurier Hotel, December 16 and 17, 1946”, in US Department of State, *Foreign Relations of the United States 1946, Volume V (The British Commonwealth, Western and Central Europe)*, Washington, DC: Government Printing Office, 1969), p. 70.

70 *Memoirs 1925-1950*, pp. 356-365.

71 George F. Kennan, “The United States and the Soviet Union 1917-1976”, in *Foreign Affairs*, Vol. 54, N^o4 (July 1976), pp. 670-690. (680-682).

72 *Measures Short of War*, p. 5.; *Memoirs 1925-1950*, p. 499.

73 *Russia, the Atom and the West*, p. 9.

dois adversários.⁷⁴

A “tendência para a total exteriorização do mal (em conjuntos de pessoas tal como em indivíduos)” tinha finalmente infectado a sociedade americana. “Psicológica e praticamente” não havia nada mais perigoso do que “este erro do auto-conhecimento”. Esta exteriorização do mal é o que confere ao “problema das relações soviético-americanas” as suas “conotações religiosas”. O conflito parecia encaminhar-se “para um esforço da parte de muita gente para exteriorizar o mal, para atribuir à liderança soviética e ao povo soviético todo e qualquer tipo de iniquidade e na verdade um tipo de monopólio da iniquidade; e o que é pior, ver em tal suposta iniquidade a prova da nossa própria virtude integral”. Kennan achou tais “excessos simplistas monstruosos” “profundamente anti-Cristãos”.⁷⁵ Pois, uma vez que o homem se torna incapaz de detectar-se no comportamento de outros, “as forças humanas facilmente tomam os aspectos mais escuros, sinistros e repelentes”.⁷⁶ Kennan desenhava a conclusão depressiva: enquanto combatem os soviéticos, os americanos tornaram-se cada vez mais como eles, um perigo contra o qual ele já havia avisado no *Long Telegram*.⁷⁷ “Se alguém lutou ostensivamente contra um inimigo por causa dos seus métodos, e permitiu-se ser impelido, pelo calor da luta, a adoptar esses mesmos métodos, então, quem é que pode dizer que ganhou? [...] Que perspectiva é que pode ser dita que tenha triunfado?”⁷⁸

Este sucesso irónico do totalitarismo soviético tornou Kennan num profeta do “declínio do ocidente”. A Guerra Fria enquanto guerra entre duas similares auto-compreensões fechadas do homem mostrou a extensão do quanto tinha avançado o vírus do totalitarismo na contaminação da civilização. Nos finais dos anos 60 Kennan anteviu que a própria sobrevivência da civilização ocidental – não “sentido espiritual e físico” – estava em perigo, e que os perigos residiam dentro da civilização ocidental e não fora dela.⁷⁹ Em meados dos anos 90, concluiu que o século XX foi “trágico na história da civilização europeia (incluindo a americana)”, um século “triste” e perturbador.⁸⁰ Em várias ocasiões Kennan identifica como a maior causa e sintoma da crise presente o que foi também, num sentido, a essência do totalitarismo: a incapacidade de distinguir a realidade da falta de realidade. No mundo político actual, Kennan escreve em 1988, “imagens artificialmente criadas são consideradas mais significativas do que as realidades”. Na nossa época, “há um perigo real que é a possibilidade de perdermos todos a nossa capacidade em distinguir o real e o irreal, e com isso, perder tanto a credibilidade do verdadeiro comportamento moral como a grande força que, notoriamente, tal comportamento é capaz de desempenhar”.⁸¹ A

74 George F. Kennan, “A European Settlement”, in Edward Reed (ed.), *Peace on Earth-Peace in Terra*, New York: Pocket, 1965, pp. 77-83. (82).

75 George F. Kennan, “Nuclear Weapons and Christian Faith”, in Kennan, *At a Century's Ending*, pp. 69-71. (69).

76 *Memoires 1950-1963*, p. 222.; *Democracy and the Student Left*, p. 143.

77 *Foreign Relations of the United States 1946*, Volume VI, p. 709.

78 *Memoires 1925-1950*, p. 198.; *Memoires 1950-1963*, p. 87.; “Foreign Policy and Christian Conscience”, p. 45.

79 *Democracy and the Student Left*, pp. 224-225., 228.

80 George F. Kennan, “Foreword”, in Kennan, *At a Century's Ending*, pp. 7., 11., 13.

81 George F. Kennan, “The Gorbachev Prospect”, in Kennan, *At a Century's Ending*, pp. 219-229. (229.), George F. Kennan, “Morality and Foreign Policy”, in *At a Century's Ending*, pp. 269-282. (282.)

consequência derradeira desta perda é que o mundo ocidental “perdeu o sentido da adaptação das coisas, e esse é o sentido da decadência”.⁸² Por outras palavras, o mundo ocidental perdeu o sentido da medida, e o homem foi promovido como a medida de todas as coisas. Na sua definição de “decadência”, Kennan concorda, outra vez, com Platão.

A mais clara indicação do declínio espiritual para Kennan foi a corrida ao armamento nuclear. A dissuasão nuclear manifestou uma desordem espiritual e filosófica de primeira ordem; foi, literalmente, “loucura”. Ameaçar, pela posse de armas nucleares, “a própria integridade do ambiente natural no qual, e só no qual, a civilização teria um futuro” parece “ser ‘simplesmente errado’, errado no bom e velho sentido do termo”. “Envolve um egocentrismo da nossa parte que não haja fundação quer na fé religiosa ou na filosofia política”. O homem foi demasiado fraco para gerir ou ainda merecer as poderosas armas de destruição de massas colocadas nas suas mãos.⁸³ O gesto absurdo de acumular tal poder fez o homem perder a sua humanidade. Já nos finais dos anos 50, quando a nuclearização da Europa estava no seu princípio, Kennan sentiu-se tentado a juntar-se aqueles “que diziam, ‘Vamos despojar-nos todos juntos destas armas; deixem-nos ao menos caminhar como homens, com as nossas cabeças erguidas, enquanto nos é permitido caminhar de alguma forma’”.⁸⁴

Kennan insiste que a “guerra deve ser um meio para um fim outro que não a guerra, um fim ligado às crenças, sentimentos e atitudes das pessoas, um fim marcado pela submissão a uma nova vontade política e talvez a um novo regime de vida, mas um fim que ao menos não negue o próprio princípio da vida”. O que caracteriza as armas nucleares é que elas “não podem ser reconciliadas com um propósito político direccionado para melhorar, em vez de destruir, as vidas do adversário”. Dessa forma, “eles falharam na consideração da derradeira responsabilidade do homem por outros, e ainda pelos erros e enganos de ambos”. Por conseguinte, “eles chegam de costas às fronteiras da civilização ocidental, aos conceitos de guerra que já foram familiares às hordas asiáticas”.⁸⁵

Ameaçar o ambiente natural, o único ambiente que torna a existência humana possível, “só por causa das comodidades, dos medos, e das rivalidades nacionais de uma única geração”, envolve um “elemento de sacrilégio”. Kennan antecipa que, nesta época moderna, as suas atitudes possam ser dissolvidas como “religiosas”. Acrescenta, portanto, que “a renúncia ao interesse egoísta, que toda a moralidade implica, não pode nunca ser racionalizado por meios puramente seculares e materialistas.” Toda a moralidade repousa, “conscientemente ou de outra forma, nalgum fundamento de fé religiosa”.⁸⁶

82 Kennan, Urban, “A Conversation”, p. 20. O “é” está também em itálico na transcrição original.

83 Ver por exemplo George F. Kennan, Martin Agronsky, “A Different Approach to the World: An Interview”, in *The New York Review of Books*, Vol. 23, Nºs. 21 e 22, January 20, 1977, pp. 12-17. (14-15.)

84 *Sketches From a Life*, p. 294.; *Memoires 1950-1963*, p. 247.; *Russia, the Atom and the West*, p. 54.

85 “Memorandum by the Counselor (Kennan), Washington, January 20, 1950”, in US Department of State, *Foreign Relations of the United States 1950, Volume I*, p. 39. Acerca do mesmo conjunto de problemas ver ainda “Foreign Policy and Christian Conscience”, pp. 47-49.; “World Problems in Christian Perspective”, pp. 471-474.

86 Kennan, “Morality and Foreign Policy”, p. 281.

Epílogo

A tradição clássica na filosofia ocidental compreende a existência humana como uma disputa comum para a harmonização com a medida invisível de Deus, como por exemplo, para o agathon platónico, o nous aristotélico, ou a ratio aeterna tomística. Para os pensadores clássicos da antiguidade bem como para os pensadores escolásticos da Idade Média, a acção humana poderá ser considerada racional se for orientada para além de todos os fins intermediários e meios para um último fim, para um summum bonum. Em muitas considerações clássicas, este fim mais alto é referido como *eudaimonia*, que é comumente traduzida para inglês como “felicidade”. No mesmo sentido, no qual “felicidade” não pode ser definida como um objecto ou uma proposição, o “maior bem” desafia todas as tentativas humanas para conhecê-lo ou possuí-lo como um objecto. No entanto, a “felicidade” é um reconhecível estado de espírito, um estado da alma, e como tal pode ser “sentida”. O filósofo consegue “sentir” a direcção através da qual chega ao maior bem tal como o homem sensato consegue “sentir” a direcção através na qual pode procurar a “felicidade”. Este “sentido” ou “vigilância” corresponde a uma sabedoria pragmática baseada na experiência. Na tradição clássica, a incognoscibilidade do maior bem implica uma ligação entre a espiritualidade, política e ordem. Kennan está ligado a esta tradição pelos Pais Fundadores.⁸⁷

Como tal, a análise da Guerra Fria por Kennan, tem de ser oposta à única interpretação filosófica da experiência da Guerra Fria até agora, que despertou o interesse dos cientistas políticos: a especulação hegeliana de Francis Fukuyama acerca da manifestação do *logos* na história através do liberalismo ocidental.⁸⁸ Não há aqui espaço suficiente para contornar os fundamentos da tradição gnóstico-hegeliana no pensamento ocidental e sua história.⁸⁹ É suficiente dizer que uma exploração mais detalhada das considerações de Kennan acerca da Guerra Fria e do séc. XX pode ser uma contribuição importante não só por razões historiográficas pela análise biográfica de um participante importante; mas também porque fornece um balanço útil às considerações que, depois da Guerra Fria, enfatizam a confirmação em vez da introspecção.

87 Ver John Zvesper, “The American Founders and Classical Political Thought”, in *History of Political Thought*, Vol.10, Nº 4, Winter 1989, pp. 701-718; e a discussão brilhante in J.G.A. Pocock, *The Machiavellian Moment: Florentine Political Thought and the Atlantic Republican Tradition*, Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975.

88 Francis Fukuyama, “The End of History?”, *The National Interest*, Vol. 16, Summer 1989, pp. 3-18.; e com modificações e qualificações significativas: Fukuyama, *The End of History and the Last Man*, Harmondsworth: Penguin, 1992.

89 Ver Rossbach, *Gnostic Wars*, a editar brevemente.